

## *Saúde pública e comunicação:* **Alternativas na extensão universitária**

*\*Ricardo Ferreira Freitas*

As relações públicas têm alcançado, neste fim de século, um poder de atuação impressionantemente abrangente e indispensável ao esclarecimento e intercâmbio de informações na sociedade. Essa emergência de informações a que se assiste na contemporaneidade decorre do desenvolvimento de sociedades confusas que tentam criar e/ou resgatar códigos universais de comunicação através de ações espetaculares: acordos anti-nucleares, quedas de barreiras diplomáticas, modificações de sistemas políticos. Tenta-se uma criticável, porém confortável, padronização de valores e de comportamento em relação a ecologia, armas nucleares, consumo, lazer etc.

As relações públicas crescem, nessa história, com a pluralidade de caminhos apresentados ao indivíduo pós-industrial; elas acontecem em cada ação do homem na sociedade. Por outro lado, assiste-se a uma preocupante falta de estratégias que favoreçam o poder de penetração social e educativo da comunicação e, especificamente, das relações públicas. Essa preocupação faz com que os profissionais e pesquisadores, atualmente envolvidos com a educação, sintam o grande papel que a universidade brasileira tem em ocupar cientificamente esses espaços que se encontram ainda perdidos nas sociedades plurais e espetaculares da pós-modernidade.

O crescimento urbano do século XX desencadeia uma necessidade imediata de novos instrumentos de comunicação; aplicam-se estratégias de comunicação dirigida nas metrópoles e criam-se ambientes e instrumentos de comunicação rural para o interior. Privilegiam-se os ambientes semi-públicos como fuga à insegurança, poluição e trânsito tumultuado dos ambientes totalmente públicos. Com isso, cresce o número de condomínios fechados, centros empresariais e shopping centers. Dentre milhões de desvios que esse tipo de socialização pode acarretar, os profissionais das áreas de ciências sociais e humanas devem se preocupar, pelo menos, com dois: a universidade pode ser compreendida como um ambiente propício somente a tribos perigosamente pós-industrializados e, assim, incentivar ainda mais a já existente

“produção para dentro”, ou seja, um tipo de produção acadêmica que só alcança o próprio meio acadêmico e não circula por toda a sociedade; o segundo perigo é que as pessoas públicas caiam nas armadilhas dessas sociedades teatrais e só produzam ações espetaculares: grandes construções, grandes discursos — o super-herói se sobrepõe ao homem político.

Em decorrência disso, assiste-se a países com sérias infiltrações em suas estruturas de saúde, moral e inteligência devido a jogos e roletas financeiras. Compromete-se o social e o nível de vida das pessoas. A saúde pública padece com esses critérios e as pessoas, simplesmente morrem. Falecem por falta de informação precisa, dirigida, ignorada em nome de informações espetaculares que fazem com que todos nos sintamos personagens de tramas e múltiplas histórias do cotidiano.

### **RELAÇÕES PÚBLICAS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Diante desse quadro, o Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da UERJ sentiu a necessidade de trabalhar com públicos que carecem de informações precisas e dirigidas sobre inúmeros problemas do seu dia-a-dia. Entre várias frentes levantadas e desenvolvidas pelo departamento, destaca-se a preocupação com problemas simples de saúde pública, porém, de proporções graves no país, por uma mera questão de falta de informação: hanseníase, doação de sangue e câncer de pele são exemplos alarmantes dessa situação.

Nesse contexto, a hanseníase é um problema singular no país por se tratar de uma doença tratável, curável e de medição gratuita. Apesar disso, o Brasil ocupa o primeiro lugar da América Latina em número de hansenianos, sendo responsável por 80% dos casos, e o segundo lugar do mundo em número de doentes. No Rio de Janeiro, a prevalência da doença é alta e seus danos se expressam pela gravidade das incapacidades físicas e psicossociais.

O desconhecimento da população sobre a doença, seus sintomas e sinais, transmissibilidade, tratamento e possibilidades de cura, tem dado origem à grande discriminação sofrida pelo doente.

Ao longo dos últimos anos, a hanseníase não mereceu a atenção devida por

parte dos governos estaduais e federais, agravando seu controle desde a notificação dos casos até o tratamento completo da doença. Assim, a hanseníase ainda é observada de forma preconceituosa, traduzindo-se num estigma que faz o doente ter seus direitos de cidadão feridos a todo momento.

Paralelo ao exposto, a sociedade não tem seus diversos segmentos envolvidos com este problema. Por isso, o esclarecimento sobre a curabilidade da doença, a eliminação dos focos de contaminação existentes, o aumento da notificação dos casos para tratamento e controle ficam, cada vez mais, inviáveis. Assim sendo, o que se verifica é uma falta de informação coletiva sobre esses problemas, repercutindo no nível de saúde das pessoas afetadas e na coletividade como problema de massa.

Evidencia-se, portanto, a emergência de trabalhos sérios e contínuos de relações públicas na área de saúde pública, visando à circulação de informações corretas e campanhas bem lançadas, no tempo e no espaço, de esclarecimento a situações que não dependem do avanço tecnológico em termos clínicos e médicos, e sim, de comunicação social. A sociedade pós-industrial é bombardeada por informações e códigos publicitários, cresce em meio à pluralidade de produtos e carece, entretanto, de trabalhos simples e óbvios de comunicação. Eis um espaço fundamental para a universidade praticar suas intenções de extensão universitária. Criar canais de comunicação com a comunidade é função primordial da universidade e deve ser exercida pelos diversos segmentos acadêmicos.

Sensibilizados com o alarmante quadro da hanseníase no país, os alunos de relações públicas vem desenvolvendo uma série de estratégias de comunicação dirigida com os diversos públicos-alvos da doença. Contabilizando seus recursos através de diversos cursos da UERJ (Comunicação Social, Enfermagem, Medicina, Serviço Social), o projeto denominado “Hanseníase Tem Cura” tem experimentado interessantes situações através da utilização das técnicas de comunicação social aplicadas à área de saúde. Palestras, folhetos, vídeos, mensagens em contra-cheque, contato com a imprensa, mensagens em contas de serviço público, telemarketing e manuais são alguns dos

instrumentos utilizados, sempre com o objetivo de mudança do quadro social do hanseniano no Brasil. Para isso, participam também do projeto profissionais da Secretaria de Estado de Saúde, MORHAN (Movimento de Reintegração do Hanseniano) e GEPEH (Grupo Educar para Erradicar a Hanseníase), num verdadeiro exemplo de como a universidade pública pode funcionar enquanto centro gerador de informações interdisciplinares e interinstitucionais.

Assim, na tentativa de caminharmos para índices mais baixos da doença no Estado do Rio de Janeiro em todo o país, o programa de informação e esclarecimento HANSEÍASE TEM CURA procura desenvolver caminhos alternativos de comunicação e educação no sentido de melhor esclarecer os sintomas da doença, os direitos do paciente e, principalmente, massificar a idéia de que hanseníase é uma doença tratável, curável e pouco contagiosa. Não há, portanto, razões médicas para que a doença continue se alastrando pela parte da população que não é imune ao bacilo de hansen e, muito menos, motivos para que as pessoas continuem associando à lepra idéias terríveis de isolamento, castigo e deformações físicas que só amadurecem o estigma.

Em 1989, esse trabalho recebeu o Prêmio Inovação em Relações Públicas, na categoria Participação Especial, por se tratar (como bem sugere o nome do prêmio) de um projeto inovador na área de relações públicas. Essa situação depota a importância de a universidade descobrir que, em cada um de seus cursos, há um potencial incontável de criatividade e vontade de trabalhar. É dever dos professores, pesquisadores e alunos universitários buscarem instrumentos e canais de comunicação com a sociedade na qual estão inseridos; é inviável imaginar um centro de produção do saber que não se relacione com os grupos sociais para os quais produz saber, conhecimento e novas tecnologias. Como a universidade pode pretender pensar a sociedade, se não se relacionar com ela?

Na verdade, o sucesso do programa sobre a hanseníase só dependeu (e depende) do correto posicionamento da universidade enquanto elemento centralizador e integrador de seus públicos internos e externos e enquanto centro de difusão do saber. Pode parecer que está, aqui, tentando constatar o óbvio, mas, a realidade é que as universidades, assim como outras instituições de ensino e pesquisa, mantêm um discurso próprio que, cada vez mais, se distancia da realidade que está à sua volta. No caso da UERJ, essa

realidade está literalmente à sua volta com a presença da favela da Mangueira, grande, imponente e assustadoramente crescente. Como não ver algo que está à sua frente?

Talvez isso aconteça em decorrência de sistemas políticos falhos, ou como consequência da predominância de universidades em centros urbanos automatizados, porém, confusos, como descreve Humberto Eco:

“...nas grandes extensões colonizadas com atraso, onde está nascendo a civilização pós-urbana representada por Los Angeles, metrópoles compostas de sessenta e seis cidades diferentes, onde as vias são rodovias com cinco pistas e o homem considera o pé direito um membro destinado à pressão do acelerador, e o esquerdo um apêndice morto, porque os carros não tem embreagem — e os olhos algo para focar, em velocidade automobilística constante, maravilhas mecânicas visuais, anúncios, construções que devem impor-se à mente no espaço de poucos segundos.”<sup>1</sup>

Essa imagem que Eco descreve, nos faz pensar em centros urbanos plurais, cheios de códigos, lugares onde o espaço público cede vez ao espaço publicitário. A sociedade pós-industrial explode em informações mas carece de bons administradores e gerentes da distribuição e alcance dessas informações. Já que há um tão grande número de universidades nesses centros, por que não compreender

os princípios aqui discutidos como importantes e progressistas para o desenvolvimento do conhecimento? As relações públicas atuando junto à universidade em diversas frentes de trabalho constituem uma prova de que essas relações são fundamentais e amadurecem o crescimento acadêmico do aluno e do professor. Limitar o saber às salas de aula ou aos centros de pesquisa é uma posição que enfraquece a sociedade e favorece a proliferação de ruídos na comunicação que se assiste na contemporaneidade.

A universidade deve neste fim de século inserir-se na sociedade de forma real e efetiva. As trocas provenientes de contos objetivos farão com que a pesquisa atenda a um requisito básico: utilidade.

\* RICARDO FERREIRA FREITAS é professor e Chefe do Departamento de Relações Públicas da UERJ. Professor do curso de pós-graduação em comunicação da Universidade Gama Filho e Professor Assistente da Universidade Estácio de Sá. Mestre em Teoria da Comunicação pela UFRJ.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1) CORREIO HOSPITALAR. Rio de Janeiro, Ano IX, Julho de 1989.
- 2) ECO, Humberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- 3) MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- 4) \_\_\_\_\_. O Conhecimento Comum. São Paulo, Brasiliense, 1988.

#### NOTAS

- (1) ECO. (1984) p. 35

